

Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags

Tjerk Hagemeijer*, Ana Lúcia Santos
Universidade de Lisboa

1. Introdução

Este artigo tem por objectivo mostrar a semelhança estrutural, em Português Europeu (PE), entre estruturas de intensificação negativa/afirmativa e tags. Para fins comparativos, começamos com uma breve discussão da relação que se pode notar entre estas e a negação descontínua/intensificação em outras línguas.

2. Negação, escopo e intensificação

Tipologicamente, existem diversas línguas que apresentam mais do que uma marca de negação para expressar a negação frásica canónica (cf. Kahrel, 1996). Entre estas, encontramos línguas em que o segundo elemento de negação não tem efeitos de delimitação de escopo, como por exemplo o Francês.

(1) *Jean ne parle pas à cause de son ami.*

Int. 1: 'É por causa do seu amigo que o João não fala.'

Int. 2: 'Não é por causa do seu amigo que o João não fala.'

Interessa-nos, no entanto, o tipo de línguas em que o segundo elemento de negação parece desempenhar funções de delimitação do escopo da negação, como o Afrikaans (Robbers, 1997; Bell, 2001), o Santome (Hagemeijer, 2003), e o Palenquero (Schwegler, 1991; Dieck, 2000).

(2) a. *Hy het dit nie gedoen nie omdat hy betaal is.* (Afrikaans; Robbers, 1997:40)

He have it NEG done NEG because he paid is

'He did not do it, because he was paid.'

b. *Hy het dit nie gedoen omdat hy betaal is nie.*

'He did not do it because he was paid (but for another reason).'

*Bolsa de Doutoramento BD/3159/2000, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência e da Tecnologia e o Fundo Estrutural Europeu no âmbito do Quadro Comunitário de Apoio III, Portugal.

Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2003, pp. 465-476.

- (3) a. *Zon na ka fla fa plôvya migu dê.* (Santome; Hagemeyer, 2003:159)
 João NEG ASP falar NEG por-causa amigo de-3SG
 'O João não fala por causa do seu amigo.'
 b. *Zon na ka fla plôvya migu dê fa.*
 'Não é por causa do seu amigo que o João não fala.'
- (4) a. *I [NU] dudá NU ke bo a-ten plata.* (Palenquero; Schwegler, 1991: 199)
 eu NEG duvidar NEG que tu T/A-ter dinheiro
 'I don't doubt that you have money.'
 b. *I [NU] dudá ke bo a-ten plata NU.*
 'I don't doubt that you [don't] have money.'

Uma das semelhanças entre estas línguas consiste no facto de complementos ocorrerem tipicamente à esquerda de Neg2. A posição de adjuntos relativamente a Neg2 nestas línguas é mais complexa, variando em função do tipo de adjunto, do escopo, etc. Com base nos dados disponíveis, verifica-se que deste ponto de vista a colocação de Neg2 em Santome é mais rígida do que Neg2 em Afrikaans e Palenquero, onde CPs completivos e PPs podem, por exemplo, estar à direita de Neg2. (compare-se (6) com (4-5)).

- (5) *Ek kan nie glo nie dat een kind mishandel is.* (Afrikaans; Robbers, 1997: 41)
 I can not believe NEG that one child maltreated is
 'I cannot believe that one child has been maltreated.'
- (6) *A na mêsê (*fa) pa plókô pali *(fa).* (Santome)
 IMP não querer que porco parir NEG
 'Não querem que a porca tenha crias.'

A maior mobilidade de Neg2 em Afrikaans e Palenquero face ao Santome poderá significar que a negação nas primeiras duas línguas tem, adicionalmente, propriedades de focalização não verificadas em Santome, uma hipótese levantada para o Afrikaans por Robbers (1993), mas também para a evolução da negação em Francês (Simpson & Wu, 2002), embora em moldes distintos. Esta relação entre negação e escopo é retomada na discussão do PE.

Nas línguas que apresentam Neg2 é muitas vezes possível reconstituir os diferentes estádios da negação, i.e. o chamado ciclo de Jespersen, em que Neg2 começou como uma intensificação da negação que gradualmente absorveu os traços negativos de Neg1 e passou a fazer parte do padrão básico de negação (cf. por ex. Horn, 1989; Schwegler, 1990).

Deste ponto de vista, é interessante verificar que Neg2 em Santome (e Fa d' Ambô, uma língua crioula geneticamente próxima deste¹) não se associa apenas à negação, mas também ocorre como intensificador (cf. (7)). Esta ligação entre negação e intensificação é ainda corroborada pelo facto de o Santome do século dezanove ter conhecido uma forma nasalizada como Neg2 (Negreiros, 1895).

¹ Para esta língua, baseamo-nos nos dados de Post (1997).

- (7) Kume {*fa/fan*}! (Santome; Hagemeyer, 2003: 174)
 comer ENF/ENF
 'Come!'
- (8) Sônô *ná* *tómá fã*. (Santome; Negreiros, 1895: 348)
 sono não tomar NEG
 'Não adormeceu.'

Com base nestas informações, é sugestivo pensar que *fan* tenha começado como um intensificador negativo que evoluiu para duas formas distintas: (i) o segundo elemento da forma não marcada de negação e (ii) um intensificador que pode ocorrer em alguns contextos (afirmativos), nomeadamente imperativas. Em Santome moderno há evidência para o facto de *fa* em contextos negativos ter perdido esse valor de intensificação, visto que as partículas enfáticas podem co-ocorrer com a negação final (cf. (9-10)), mas não podem co-ocorrer entre si (cf. (11)).²

- (9) *Sun na tólô fa ô!*
 senhor NEG tolo NEG ENF
 'O senhor não é parvo!'
- (10) *Kyê avo, punda dêsu avo, na da mu fa fan!*
 EXCL avó por deus avó NEG dar 1SG.OBJ NEG ENF
 'Ó avó, por amor de deus, não me bata!'
- (11) *Bô su tólô { ê / *ô ê / *ê ô / ... }!*
 tu ser parvo {ENF / ENF ENF / ENF ENF/ ... }
 'És parvo!'

Por outro lado, as interrogativas sim/não em Santome mostram que a negação canónica (*na...fa*) apresenta um valor pressuposicional negativo que contrasta com a neutralidade de *na...an*. Este valor nestas estruturas aproxima *fa* dos tags em português, visto que as interrogativas com *fa* pressupõem uma resposta negativa.

- (12) a. *Bô na bê nadaxi di bisu ni kabêsa mu fa?* (pressupõe resposta negativa)
 b. *Bô na bê nadaxi di bisu ni kabêsa mu an?* (não pressupõe resposta)
 2SG NEG ver nada de animal em cabeça *fa/an*
 'Não viste nada de animais na minha cabeça (. não é)?'

3. Propriedades da negação "descontínua" em PE

O PE tem, por defeito, uma marca de negação pré-verbal, mas apresenta igualmente estruturas como em (13), notadas por Gonçalves (2000), em que a negação pós-verbal

² Em línguas como o Fongbe (Da Cruz, 1994; Lefebvre, 1998), o que é aparentemente um Neg2 é meramente uma marca de insistência que ocorre tipicamente com proposições negativas, assinalando a atitude do locutor em relação à proposição.

(Neg2) é, por um lado, discursivamente legitimada em contextos em que a proposição foi activada no discurso anterior (cf. Schwenter ms. para o PB) e tem, por outro, um valor de intensificação da negação.

(13) *O João não come peixe [/] não.*

Neg2 em PE apresenta efectivamente propriedades distintas da negação em línguas como o Francês (cf. Pollock 1989) e que a aproximam de línguas como o Santome:

(i) *Neg2 em PE ocupa uma posição mais periférica* (cf. (6))

(14) a. *O João não come (*[/) não) peixe ([/] não).*

b. **Jean ne mange *(pas) de poisson (*pas).*

(15) a. *O João não disse que ia ao cinema [/] não.*

b. *Jean n'a *(pas) dit qu'il irait au cinéma (*pas).*

(16) a. *O João não vai à praia se chover [/] não.*

b. *Jean n'ira *(pas) à la plage s'il pleut (*pas).*

(ii) *Neg2 co-ocorre com palavras-N*

(17) a. *O João não viu ninguém na festa [/] não.*

b. *Jean n'a vu *(pas) personne (*pas) à la fête (*pas).*

(18) a. *O João nunca vai ao cinema [/] não.*

b. *Jean ne va *(pas) jamais (*pas) au cinéma (*pas).*

A comparação relevante é com exemplos como (19).

(19) *Zon na bê nyua ngê ni fesa fa.*

(Santome)

Zon não ver nenhuma pessoa em festa NEG

'Zon não viu ninguém na festa.'

(iii) *Neg2 em PE delimita o escopo da negação* (cf. (3))

(20) a. *O Pedro não foi à escola por causa do aniversário.*

Int. 1. O Pedro não foi à escola e isso aconteceu por causa do aniversário.

Int. 2. Não foi por causa do aniversário que o Pedro foi à escola.

b. *O Pedro não foi à escola por causa do aniversário [/] não.*

Int. 2 – preferencial

c. *O Pedro não foi à escola [/] não [/] por causa do aniversário.*

Int. 1 - única

Por outro lado, verifica-se que Neg2 em PE não apresenta as características da negação descontínua do Santome ou do Afrikaans, já que (i) não é a estratégia não marcada; (ii)

tem um valor intrínseco de intensificação; (iii) tem uma contrapartida afirmativa com paralelo com tags e respostas a interrogativas globais (cf. secção 4); (iv) Neg2 é sensível a efeitos de Foco, ao contrário do que acontece por exemplo em Santome, como é ilustrado em (21). Em (21a), a possibilidade de ocorrência de Neg2 é bloqueada pelo facto de o material focalizado (neste caso, o sujeito, sob o escopo do advérbio de focalização) não se encontrar sob o escopo do primeiro elemento de negação.

- (21) a. *Só o João não comeu o peixe [/?nãu].*
 b. *Zon so na kume pixi fa.* (Santome)
 João FOC não comer peixe NEG
 'O João é que não comeu peixe.'

4. Outros elementos na periferia direita

A distribuição e o comportamento de Neg2 apresentam semelhanças com padrões de afirmação enfática e tags.

4.1. Afirmação enfática

Esta secção ocupa-se de estruturas como:

- (22) *O João come peixe [/?] {come/sim/é}.*

Tal como Neg2, os elementos de afirmação enfática podem ocupar uma posição periférica (cf. (23-24)) e desencadeiam efeitos de escopo (cf. (25)) e são ainda sensíveis a Foco (cf. (26)).

- (23) *O João disse que ia ao cinema [/?] {sim/é/disse}.*
 (24) *O João vai à praia se chover [/?] {sim/é/vai}*
 (25) a. *O Luís vai ao congresso porque quer passear [/?] {vai/é/sim}.*
 Int. É verdade que é porque quer passear que o L. vai ao congresso.
 b. *O Luís vai ao congresso [/?] {vai/é/sim} [/?] porque quer passear.*
 Int. É verdade que o L. vai ao congresso e isso acontece porque quer passear.
 (26) *Só o João comeu o peixe [/?] {só/foi/??comeu}.*

4.2. Tags

(i) *As tags ocupam uma posição periférica (cf. Neg2)*

▪ Tags sobre frases negativas:

- (27) a. *O João não come peixe [/?] {pois não/come/não/não é}?*
 b. **O João não come [/?] {pois não/come/não/não é}? peixe?*
 (28) a. *O João não disse que ia ao cinema [/?] {pois não/disse/não/não é}?*
 b. *O João não vai à praia se chover [/?] {pois não/vai/não/não é}?*

- Tags sobre frases afirmativas:

(29) a. *O João come peixe [//] {pois come/não come/come/não é}?*

b. **O João come [//] {pois come/não come/come/não é?} peixe?*

(30) a. *O João disse que ia ao cinema [//] {pois disse/não disse/disse/não é}?*

b. *O João vai à praia se chover [//] {pois vai/não vai/vai/não é}?*

(ii) tags desencadeiam efeitos de escopo e são sensíveis a Foco (cf. Neg2)

(31) a. *O Pedro não vai à escola por causa do aniversário.*

Int. 1. O Pedro não vai à escola e isso acontece por causa do aniversário.

Int. 2. Não é por causa do aniversário que o Pedro vai à escola.

b. *O Pedro não vai à escola por causa do aniversário [//]*

{pois não/não/não é/vai}?

Int. 2 – preferencial

c. *O Pedro não vai à escola [//] {pois não/não/não é/vai?} [//] por causa do aniversário.*

Int. 1 - única

(32) *Só o João comeu o peixe [//] {não é/não foi/pois foi/*pois comeu/*não comeu/*comeu}?*

5. Respostas a interrogativas globais

Os efeitos de escopo observados em estruturas de polaridade na periferia direita têm paralelos com os efeitos de escopo observados em respostas a interrogativas globais em Santos (2003).

(33) P: *Só o João comeu o peixe?*

R: *Sim/É/Foi/*Comeu.*

6. Análise de estruturas de polaridade na periferia direita

A negação tem recebido pelo menos dois tipos de análise, consoante se considera a existência de um ou mais núcleos funcionais associados a elementos negativos¹. No caso das análises uninucleares, destaca-se uma análise que assume NegP como o núcleo associado à negação, sendo negação descontínua (à francesa) / concordância negativa instâncias de uma relação SPEC-HEAD em NegP (cf. Pollock, 1989; Haegeman, 1995, entre outros). Destaca-se ainda a proposta de Laka (1994), que associa os elementos de negação

¹ Cf. Matos (1999) para uma análise alternativa em que a negação canónica em PE é adjunto ao verbo por *merge*.

ao núcleo ΣP , núcleo esse a que se encontram também associados elementos de negação enfática. No que diz respeito a análises binucleares, será interessante considerar análises como Zanuttini (1994) e, na sua sequência, Martins (1997), que consideram a existência de dois núcleos funcionais, PolP e NegP, que se encontram numa relação de c-comando, sendo que PolP verifica os traços de NegP. Bell (2001), trabalhando precisamente sobre dados de negação em Afrikaans como os que foram aqui apresentados, assume a existência de duas projecções NegP, ambas preenchidas com elementos de negação e estabelecendo entre si uma relação de c-comando.

A assunção de qualquer destas análises para a estrutura de Neg2 em PE levantaria, no entanto, vários problemas. Nomeadamente, uma análise em que Neg2 fosse gerado numa posição c-comandada pela negação frásica não daria facilmente conta do seguinte:

- os efeitos de desambiguação de escopo observados no PE;
- o paralelo entre a estrutura de Neg2, afirmação enfática e tags em PE;
- o facto de estas estruturas serem obrigatoriamente precedidas de uma quebra entoacional;
- a posição periférica ou não periférica destas três estruturas relativamente a orações adverbiais à direita (adjuntas à direita, de acordo com Lobo, 2003), como mostram os dados em (34-37):

- (34) a. *O João **não** vai à praia se estiver a chover [//] **não**.*
 b. *O João **não** vai à praia [//] **não** [//] se estiver a chover.*

- (35) a. *O João vai à praia se estiver sol [//] {vai/é/sim}.*
 b. *O João vai à praia [//] {vai/é/sim} [//] se estiver sol.*

- (36) a. *O João **não** vai à praia [//] {pois não/vai/não/não é?} [//] se estiver a chover.*
 b. *O João **não** vai à praia se estiver a chover [//] {pois não/vai/não/não é?}*

- (37) a. *O João vai à praia [//] {não/vai/não vai/ não é?} [//] se estiver sol.*
 b. *O João vai à praia [//] se estiver sol {não/vai/não vai/ não é?}*

Assim, assumiremos que Neg2, tags e estruturas de afirmação enfática são constituintes adjuntos à direita a uma categoria funcional alta, têm um comportamento de apostos e, em alguns casos, uma estrutura elíptica. Esta análise apresenta, parece-nos, várias vantagens:

- (i) A adjunção permite facilmente derivar a distribuição relativamente a orações adverbiais, adjuntas à direita.
- (ii) A análise de Neg2, afirmação enfática e tags como estruturas elípticas permite estabelecer um paralelo com efeitos de escopo observados em elipses em contextos de coordenação:

- (38) a. *O Pedro não foi à escola por causa do aniversário.*
 Int. 1. O Pedro não foi à escola e isso aconteceu por causa do aniversário.
 Int. 2. Não foi por causa do aniversário que o Pedro foi à escola.
- b. *O Pedro não foi à escola por causa do aniversário [!] não.*
 ?Int. 1 / Int. 2
- b'. *O Pedro não foi à escola por causa do aniversário e a Maria também não.*
 Int. 1 / ?Int. 2
- c. *O Pedro não foi à escola [!] não [!] por causa do aniversário.*
 Int. 1/*Int. 2
- c'. *O Pedro não foi à escola e a Maria também não por causa do aniversário.*
 Int. 1/*Int. 2

(iii) Tal como acontece no caso das respostas a interrogativas globais, há evidência para dizer que diferentes tipos de tags e de elementos em Neg2 ou em estruturas de afirmação enfática têm escopos diferentes (o que dará conta dos contrastes em 21a, 26, 32 e 33 e motivará também uma análise em termos de eclipse):

- as respostas verbais, as tags verbais, as estruturas verbais de afirmação enfática retomam o verbo (que assumimos ocupar T, de acordo com Costa, 1996) e o seu domínio de c-comando;
- as respostas, as tags e as estruturas de afirmação enfática com “sim” e SER, bem como Neg2, as respostas de tipo “não” e as tags de tipo “não” e “não é”, podem retomar material mais alto do que o domínio de c-comando do verbo.

(iv) Em Kabuverdianu (variante de S. Vicente) é uma expressão adverbial que é utilizada para a afirmação enfática, o que favorecerá uma análise em termos de adjunção.

- (39) *N (ti)ta ba pa mar {muntu ben / sin}.*
 1SG T/A ir para praia muito bem/sim
 ‘Vou à praia vou.’

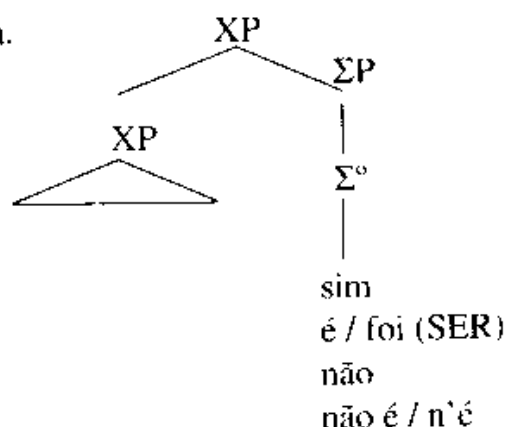
(v) É comum as línguas terem marcas de intensificação numa posição periférica à direita (Santome, Fongbe, Edo...). Os dados do PE também apontam para isso:

- (40) *Vou comprar o livro ali na FNAC [!] mas é!⁴*

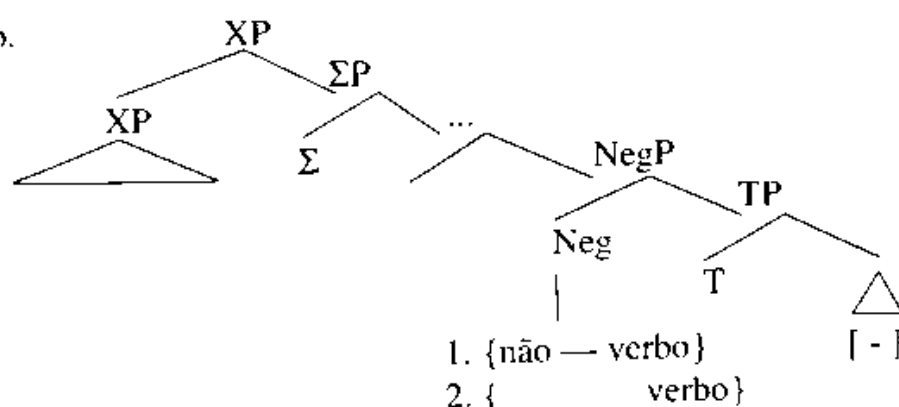
Assim, a forma menos custosa de derivar uma posição periférica à direita, sem recorrer a movimentos não motivados, será assumir adjunção básica à direita a uma categoria alta. Propomos assim as seguintes estruturas para tags, Neg2 e afirmação enfática:

⁴ A não confundir com “mas é” em contextos de clivagem (cf. semi-pseudo-clivadas básicas: ‘Vou mas é comprar o livro ali na FNAC’ / ‘Vou é comprar o livro ali na FNAC.’), embora se possa tratar, de facto, de estruturas relacionadas.

(41) a.



b.



Note-se que, contrariamente à estrutura (41b), não é claro se a estrutura em (41a) representa um caso de elipse, uma hipótese que deixamos para já em aberto: no caso das estruturas em (41 a.), não é fácil encontrar uma contrapartida lexicalmente realizada da elipse. Já as tags e a afirmação enfática de tipo verbal (cf. 41b) são consideradas estruturas elípticas, à semelhança do que é proposto por Martins (1994) para as respostas verbais, mas assumindo-se que o verbo ocupa T em elipses de VP (cf. Matos, 1992; Cyrino e Matos, 2002). As restrições ao escopo deste tipo de estruturas resultará assim do facto de só recuperarem o material elidido, i.e. neste caso, o material que se encontra sob o escopo do verbo no domínio subordinante.

Esta análise permite ainda explicar de forma elegante alguns contrastes de gramaticalidade que não considerámos até aqui. Lobo (2003: 195-6) afirma que interrogativas-tag só podem preceder adverbiais se se tratar de adverbiais periféricas. Assumimos aqui que é possível que tags, Neg2 ou afirmação enfática precedam a adverbial introduzida por um conector típico de adverbial não periférica, se esta for interpretada como desfocalizada. Na verdade, ao ser desfocalizada, poder-se-á pensar que o seu comportamento é o de adverbial periférica (Lobo, 2003 caracteriza as adverbiais periféricas como pressuposicionais).

- (42) a. *O Luís vai à conferência [!] não vai? [!] porque quer passear.*
 b. *O Luís vai à conferência [!] vai [!] porque quer passear.*
 c. *O Luís não vai à conferência [!] não [!] porque quer passear.*

Do mesmo modo, é possível recuperar a gramaticalidade de enunciados em que complementos se encontram em posição periférica a tags. Neg2 ou a afirmação enfática se esses complementos forem prosodicamente marcados como deslocados à direita e interpretados como elementos não focalizados:

- (43) a. *O Luís comeu [//] não comeu? [//] o peixe.*
 b. *O Luís comeu [//] pois comeu [//] o peixe.*
 c. *O Luís não comeu [//] não [//] o peixe.*

O facto de todo o material à direita de tags, Neg2 e afirmação enfática receber uma interpretação como material extraposto (consequentemente, não focalizado) é afinal algo de que se dará facilmente conta com uma análise de tags, Neg2 e afirmação enfática como adjuntos à direita. Por outro lado, este facto relaciona-se directamente com efeitos de escopo e interacção com Foco que já aqui referimos (cf. 21a, 26, 32 e 33). Parece ser possível fazer a seguinte generalização: a informação elidida / recuperada pela tag, por Neg2 e pela afirmação enfática é sempre o material focado. Este facto permitirá aliás associar ΣP a traços de Foco. Matos (1999) conjectura que ΣP , em PE e Espanhol, poderá ser um FocP.

Finalmente, será necessário discutir a análise que propomos para Neg2 e tags construídas com *não*. Note-se que, muito embora tenhamos assumido que tags de tipo “não VERBO” têm uma estrutura correspondente a (41b), assumimos que Neg 2 e tags de tipo “não?” são estruturas em que o material lexicalmente realizado na tag ocupa Σ . Na realidade, *não* parece ter um estatuto ambíguo em respostas a interrogativas globais, que contrasta com a interpretação que obtém em Neg2:

- (44) Q: *O João não foi ao cinema?*
 R: *Não.*
 Int.1 – É verdade que o João não foi ao cinema.
 Int.2 – Não é verdade que o João não foi ao cinema.

- (45) Q: *Só o João não foi ao cinema?*
 R: *Não.*
 Int.2 – Não é verdade que o João não foi ao cinema.

- (46) *O João não foi ao cinema [//] não.*
 Int.1 – É verdade que o João não foi ao cinema.

- (47) **Só o João não foi ao cinema [//] não.*

Estes dados poderiam apontar (contrariamente ao que propomos) para uma análise de *não* em respostas a interrogativas globais como podendo ocupar quer Σ quer NegP e de *não* em Neg2 como ocupando NegP. No entanto, seria nesse caso difícil explicar (48), a menos que se mostrasse que *na* é um clítico fonológico.

- (48) *O João na foi lá, não/*na.* (Português dialectal)

Podemos então pensar que *não* ocupa Σ , sendo ambíguo quanto à definição de escopo largo ou estreito. Em Neg2, o escopo largo de *não* será bloqueado pela própria natureza discursivo-pragmática da construção, que implica a necessária confirmação da assunção de atribuição do valor “verdadeiro” à proposição anterior. Deixamos por enquanto a questão em aberto.

7. A estrutura *não...nada* em PE

Finalmente, uma nota sobre a estrutura *não... nada* em PE. Os dados em (49) mostram que *nada* nestas construções, embora tenha propriedades de intensificação, não partilha as características sintáticas de Neg2. Nomeadamente, *nada* ocupa uma posição menos periférica e não é tipicamente precedido de uma quebra entoacional.

- (49) a. *O João não comeu nada o peixe.*
 b. *O João não comeu o peixe nada.* (só possível para alguns falantes)
 c. *O João não disse que foi ao cinema nada.* (só possível para alguns falantes)
 d. **O João não foi ao cinema porque queria ver a filha nada.*

Referências

- Bell, Arthur (2002) *Afrikaans nie*, MS. Cornell University.
- Costa, João (1996) Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica*, 50.
- Cyrino, Sónia & Gabriela Matos (2002) VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese: a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 1, n.º 1, pp. 177-195.
- Da Cruz, Maxime (1994) Contribution à l'étude de la négation en Fongbè. In Lefebvre, Claire & John Lumsden (eds.) *Études syntaxiques*, vol. 3. Montréal: Université du Québec, pp. 69-111.
- Dieck, Marianne (2000) *La negación en palenquero: análisis sincrónico, estudio comparativo y consecuencias teóricas*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana.
- Gonçalves, Fernanda (2000) Português do Brasil/Português Europeu: variação sintáctica, afastamento tipológico. O caso dos marcadores de negação frásica. Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil. Évora, Portugal.
- Haegeman, Liliane (1995) *The syntax of negation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hagemeyer, Tjerk (2003) A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: aspectos sincrónicos e diacrónicos. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2. Frankfurt am Main: Vervuert, pp. 161-188.
- Horn, Laurence (1989) *A natural history of negation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kahrel, Peter (1996) *Aspects of negation*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Amsterdam.
- Laka, Itziar (1994) *On the syntax of negation*. New York/London: Garland Publishing.

- Lefebvre, Claire (1998) *Creole genesis and the acquisition of grammar: The case of Haitian creole*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (1994) *Os Clíticos na história do português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- _____ (1997) Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém). In *Actas do XII encontro nacional da associação portuguesa de linguística*. Lisboa, pp. 179-210.
- Matos, Gabriela (1992) *Construções de elipse do predicado em Português. SV nulo e despojamento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- _____ (1999) Negative concord and the minimalist approach. In D'huilst, Y., J. Rooryck e J. Schrotten (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 1999*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 245-280.
- Negreiros, António de Almada (1895) *Historia ethnographica da ilha de S. Tomé*. Lisboa: [sem ed.].
- Post, Marike (1997) Negation in Fa d' Ambô. In Degenhardt, Ruth, Thomas Stolz & Hella Ulferts (eds.) *Afrolusitanistik – eine vergessene Disziplin in Deutschland?* Bremen: Universität Bremen, pp. 292-316.
- Robbers, Karin (1993) Some remarks on focus and negation in Afrikaans. MS Universidade de Amsterdam.
- _____ (1997) *Non-finite verbal complements in Afrikaans: A comparative approach*. Den Haag: Holland Academic Graphics.
- Santos, Ana Lúcia (2003) The acquisition of answers to yes/no questions in European Portuguese: Syntactic, discourse and pragmatic factors". *Journal of Portuguese Linguistics*, vol 2, n.º 1. Lisboa: Colibri, pp. 61-91.
- Schwegler, Armin (1990) *Analyticity and syntheticity: A diachronic perspective with special reference to Romance languages*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Schwegler, Armin (1991) Negation in Palenquero. *Synchrony. Journal of Pidgin and Creole Languages* 6, pp. 165-214.
- Schwenter, Scott A. (MS) The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese.
- Simpson, Andrew & Zoe Wu (2002) Agreement, Shells, and Focus. *Language: Journal of the Linguistic Society of America*, 78, 2, pp. 287-313.
- Zanuttini, Raffaella (1994) Re-examining negative clauses. In Cinque et al. (eds.) *Paths towards Universal Grammar. Studies in honor of Richard S. Kayne*. Washington: Georgetown University Press, pp. 427-451.